

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 43000 réis.

Numero pago á entrega. 8000

N.º 33 — VOL. II.

Sabbado 28 de Agosto de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 43300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 53000

Summario.

Artigos: — Historia da actualidade — Galeria historica, continuação — A villa d'Almeida — Sacrificios humanos — Moço e saudades — A real basilica do Santissimo Coração de Jesus — Luctos.

Gravuras: — Tancredo — Basilica do Santissimo Coração de Jesus — Entrada do passeio da Estrella — Tumulo da rainha D. Maria I, na basilica do Santissimo Coração de Jesus — O mundo ás avessas.

Historia da actualidade.

Hoje em dia a cidade de Moka, no estreito de Bab-el-Mandeb, encerra apenas dentro das suas muralhas mil e quinhentos habitantes. N'outro tempo foram sessenta mil. A cultura do café, que antigamente bastava para alimentar o seu commercio, está na actualidade tão limitada, que não chega a exportar annualmente o valor de cem contos de réis.

No porto de Suez entraram, no anno passado, cinquenta e cinco navios, na força de dezoito mil e sessenta e cinco cavallos; e tres mil seiscientos e quarenta e dois viajantes, entre os quaes figuram dois mil setecentos e cinquenta e dois soldados inglezes que iam para a India. Toda a navegação a vapor n'este porto é feita pela companhia peninsular, e pela australiana, que são subsidiadas pelo governo inglez.

De Suez a Sydney, na Australia, vae-se em quarenta e sete dias. A viagem mais curta em Abril, foi, no anno passado, de trinta e seis dias; a mais longa, em Agosto, de cinquenta e seis dias.

De Calcuttá a Suez, o termo medio das viagens é de vinte e seis dias; e de Suez a Bombaim, gastam-se, termo medio, quinze dias.

Por determinação da nossa camara dos deputados, publicou-se no *Diario do Governo* a relação dos empregados do corpo diplomatico devedores ao ministerio dos estrangeiros por saldo de suas contas até 30 de Junho do corrente anno. Importam estes debitos em oitenta e seis contos setecentos e sessenta e nove mil novecentos vinte e seis réis. Este o producto em moeda portugueza das libras esterlinas calculadas ao cambio de sessenta e sete e meio dinheiros por mil réis, mas como os devedores receberam em dinheiro inglez, resulta a differença em mais uma quarta parte d'esta somma, porque egualmente estão responsaveis.

O vapor *Stephania*, que acaba de chegar dos Açores, seguirá para Loanda no proximo mez.

Vão imprimir-se os sermões do reverendo padre Malhão, um dos nossos oradores sacros de

maior fama. O producto d'estas obras destina-o o autor para augmentar a collecta que tem promovido para a edificação da igreja do Coração de Maria, no lugar de Olhomarinho, concelho de Obidos, e da qual é antigo capellão.

O vapor *Lusitania* trouxe do Porto oitenta e oito presos, e dezeseis mulheres e filhos dos mesmos, que vem para seguir seus destinos a bordo da nau.

Foi brilhante a corrida de toiros que houve em Santarem, e tão productiva para o hospital da misericordia, que se projecta segunda. A concurrencia e o entusiasmo dos espectadores não podia ser maior; flores, rebuçados, charutos, choveram das mãos das damas sobre os denodados toireadores; e á saída do divertimento os habitantes levaram-n'os em triumpho, precedidos por uma banda de musica.

Os mineiros fogem agora das margens do Sacramento, e do Mariposa para as do Frazer, depois que se descobriram as novas minas de ouro, onde se afirma que apparecem fragmentos com o peso de oitenta libras!

A legação ottomana suspendeu as suas relações diplomaticas com o shah da Persia, em con-

sequencia da prisão e expulsão de Teheran d'um subdito ottomano, que ali habitava havia seis annos, e gosava da estima publica.

Toma consistencia a noticia de que o governo prussiano vae submitter ás camaras, na proxima sessão, uma lei sobre o casamento civil. Dizem alguns que a dita lei respeita unicamente aos esposos divorciados que quizerem contractar novo casamento, e para o caso em que os ecclesiasticos se recusam a prestar o seu ministerio.

Falleceu de uma hydropisia no cerebro, ás tres horas da tarde do dia 29 de Junho, o principe Mehemed Khasin-Khan-Emir-Nizam, herdeiro do throno da Persia. Era dotado de grande intelligencia, e por isso a sua perda foi muito sentida.

Nenhum dos autores dramaticos que tinham sido convidados para apresentar em concurso uma peça para se representar no theatro de D. Maria II no anniversario de sua magestade el-rei, o Senhor D. Pedro V, acorreu ao convite. Por este motivo representar-se-ha o drama tambem original portuguez, intitulado a *Fada do lar*, que ha tempos existia n'aquelle theatro, e ao qual o autor vae mudar o titulo.

A camara municipal do Porto publicou o seu orçamento para o anno economico de 1858-1859. A receita ordinaria está calculada em cento e doze contos setenta e tres mil duzentos e quarenta réis, a extraordinaria em um conto de réis, as dividas activas em quatrocentos mil réis, o que tudo somma cento e treze contos quatrocentos setenta e tres mil duzentos e quarenta réis. Sendo o total da despeza cento e sessenta e tres contos novecentos setenta e tres mil quinhentos e quatro réis, é o deficit cincoenta contos e quinhentos mil duzentos e sessenta e quatro réis.

Muitas praças do regimento numero 14 de infantaria, estacionadas na Barca d'Alva, a pretexto de guardarem a raia secca, tem sido victimas da insalubridade do clima.

A camara municipal do concelho de Ilhavo vae construir uma ponte de pedra no sitio da Malhada.

A França resolveu enviar uma expedição á Cochinchina para pedir plena e inteira satisfacção dos ultrajes que os missionarios ali soffreram. Como o anno passado foi martyrisado em Hué um bispo hespanhol, reunir-se-ha á expedição franceza uma divisão hespanhola, na força de mil e quinhentos homens.

O fio electrico transatlantico, que já funciona, como dissemos, atravessa a Terra Nova desde S. João, e costeia a bahia da Trindade até ao cabo



Tancredo.

Roy, do outro lado da ilha. N'esse ponto existe um fio que communica com o cabo Aspheo, e se liga pela Nova Escocia, e pelo novo Brunswick com o dos Estados-Unidos até á Nova Orleans. A linha telegraphica que atravessa a ilha da Terra Nova tem duzentas e cincoenta milhas de extensão.

— A companhia transatlantica tinha annunciado que a rainha Victoria seria a escolhida para communicar á America a primeira noticia, logo que o telegrapho submarino estivesse em estado de funcionar. Effectivamente uma participação communicada da Irlanda atravessou o canal de S. Jorge, a Inglaterra, a Mancha, e de Paris foi transmitida para Cherburgo levando a sua magestade a noticia de que o fio electrico estava já collocado. A rainha em resposta expidiu outra participação telegraphica dando os parabens d'este feliz acontecimento ao presidente dos Estados-Unidos.

— Verificaram-se oito casos de febre amarella no Ferrol.

— O relatório das finanças austriacas no anno passado, apresenta o deficit de cento e cinco milhões de francos, ou dezoito mil e novecentos contos de réis.

— Na Corunha, á primeira noticia da apparição da febre, adoptaram-se medidas preventivas muito efficazes.

— Reberam disturbios na Irlanda queimando os agitadores em Kill-Knney varias machinas agricolas. Foram promovidos por quatro mil trabalhadores, que diziam estar sem trabalho pelo emprego das ditas machinas.

— A rainha Victoria, scú esposo, e o principe da Prussia, chegaram no dia 12 a Potsdam, sendo victoriados pela população.

— A abertura do theatro de S. Carlos hade ter lugar no dia 10 de Outubro com a opera *Roberto d'Evreux*, de Donizetti.

— S. em.^a vae proximoamente fazer uma visita ao seminario de Santarem; e affirma-se que o padre Roquete, chegado ultimamente de França, occupará uma cadeira n'este seminario.

— No lyceu nacional de Braga fizeram exame nas varias disciplinas que ali se ensinam trezentos e vinte e quatro estudantes, sendo reprovados n'este numero quarenta e oito.

— O rio Mondego, segundo noticia de Coimbra, leva tão pouca agua, que mal permite passagem aos barcos em lastro.

— O numero total de israelitas espalhados pela superficie do globo, era no começo d'este anno de quatro milhões seiscientos e noventa mil. Na Europa contam-se dois milhões quatrocentos e cinquenta e um mil cento e setenta e nove.

— E' tal a miseria de que estão sendo victimas os exploradores na California que uma garrafa de aguardente custa trinta mil réis; cinco libras de farinha, treze mil réis; uma caixa de phosphoros oitocentos réis. A carne não tem preço. Quatro canadenses francezes viram-se obrigados a comer os seus cavallos.

— A companhia Segurança, do Porto, apresentou em Julho aos accionistas o seu balanço do anno findo. O resultado final é o dividendo de dezoito mil réis, por cada acção. O saldo foi de dezenove contos trezentos dezoito mil duzentos e dezesseis réis.

— Sua magestade houve por bem agradecer a commenda da ordem de Christo a monsignor Sanguini, ablegado apostolico, e ao signor Cansacchi, guarda nobre de sua santidade, e portador do barrete cardinalicio para o em.^{mo} cardeal patriarcha de Lisboa.

— S. em.^a escolheu os senhores D. José de Lacerda, e os conselheiros Netto, Bartholomeu dos Martyres, e outros individuos de igual competencia litteraria para comporem a commissão de reforma do seminario de Santarem.

— O conselheiro Ferrão foi o deputado escolhido pela academia das sciencias para o congresso de propriedade litteraria, em Bruxellas, em vez do senhor Mendes Leal, como ha tempos tinhamos annunciado.

— Domingo, 22 do corrente, percorreram o caminho de ferro de leste quatro mil passageiros.

— O general Rose abandonou o seu commando na India, em consequencia do mau estado de

saude. O brigadeiro Napier foi nomeado seu successor.

— O rajah de Shagur rendeu-se aos ingiezes.

— Parece confirmada a noticia de que o principe da Prussia vae definitivamente tomar as re-deas do governo.

— O mesmo principe foi convidado da maneira mais obsequiosa para assistir ás grandes manobras militares que devem ter lugar, no fim de Setembro, em Varsovia.

— A rainha Victoria visitou Berlin no dia 16 do corrente.

— Descobriu-se na Bosnia uma conjuração panslavista, que devia rebentar ao mesmo tempo no Montenegro, Bosnia, Herzegovina, Bulgaria, e Servia, tendo a sua sede em Constantinopola.

— Appareceram bandos armados nas fronteiras do Epiro e da Thessalia; o que tem relações com a conjuração de Smyrna, que causa ao governo turco serios cuidados.

— Na Saxonia exerce-se grande vigilancia sobre os viajantes suspeitos indo do estrangeiro, especialmente de Inglaterra, França, e Suissa.

Galeria historica.

Continuação.

TANCREDO.

Não ha nos annaes da cavallaria modelo equal! Tancredo era de origem siciliana pela parte de seu pae, e normando pela de sua mãe, Emma, filha de Tancredo de Hauteville.

Indifferente a tudo que fosse interesse politico, a virtude e a gloria foram as suas unicas paixões; nem conheceu outras leis além das que lhes prescrevia a honra e a religião.

Um historiador contemporaneo traçou d'este digno emulo de Godofredo de *Bouillon* o seguinte retrato.

« Não inspirava orgulho ao joven Tancredo a alta linhagem da sua familia, como nunca o convidou á preguiza a riqueza que tinha do herdar.

Nas armas, pela pericia e força; no conselho, pela firmeza e justiça do pensamento; era tanto pelos moços respeitado, como pelos velhos admirado e querido. A uns e outros dava não poucos exemplos de força e de virtude, taes que em breve com elles estabeleceu no espirito dos que o cercavam a idéa d'esse nobre caracter que já em tenra idade transpirava do heroe. As idéas adquiridas na lição dos sabios fecundavam-lhe na mente o pensamento que a palavra precisa, e breve entregava á admiração dos seus eguaes, nas longas praticas que muito o entretinham nas horas de recreio. Ultrajasse-o alguém, que o perdão fora certo; servisse-o um momento, que fóra eterna a gratidão; pedisse-lhe um serviço, que servido fóra sem demora e á risca.

Amigo d'amigos e d'inimigos, tanto a uns sabia estimar, como aos outros perdoar: e ainda d'estes era o primeiro a gabar o prestumo, sobre o dizer, quando se tratava de guerra, que mais convinha n'ella saber vencer-os do que cortar-os; pois que mais honra davam ao heroe inimigos vencidos do que mortos.

Tancredo nunca fallou de si; mas ardia em desejos de dar que fallar: roubava ao repouso metade para acrescentar a vigilia, tanto no estudo dos livros como na pratica dos entendidos; e raro era o dia que por isso não adquiria novos titulos de gloria, augmentando o assumpto das suas acções ou palavras.

Na guerra a espada, na paz a lingua, em breve da creança fizeram um homem, e do homem um heroe; mas uma coisa havia que constantemente o inquietava; e era não saber como no espirito casasse o sentimento da guerra com o preceito da palavra de Deus! pois que o Senhor tinha ordenado que o justo apresentasse o rosto áquelle que o ferisse, em quanto que a lei da guerra mandava positivamente o contrario.

Era esta opposição dos preceitos do mundo á palavra de Deus que sobre maneira lhe temperava a coragem, obrigando-o a preferir a solidão e a paz ao bulicio e gloria dos combates. Quando, po-

rém, no anno de 1096, o papa Urbano II prometteu a remissão geral dos peccados a todos os christãos que fossem combater os infieis, eil-o que movido então pelo desejo de salvar-se, foi lançar-se impetuoso n'essas lides famosas que tanto nome lhe deram!

Inflammado pela idéa de tornar a espada util ao serviço de Deus, tudo preparou para a expedição, e em breve se juntou ao seu primo Boemundo, principe de Tarento, para engrossarem com os seus exercitos a cruzada, que, de todos os pontos da Europa, corria á voz do pontifice supremo.

Estes dois guerreiros desembarcaram no Epiro, onde lhe não faltaram occasiões de experimentar o novo zelo que os inflammava no serviço de Deus.

Uma vez, tendo o exercito siciliano chegado ao ribeiro Verdari, cuja margem opposta estava coberta de inimigos; em quanto que os principaes christãos lamentavam a força da torrente que os separava d'elles, Tancredo, mettendo os ferros no cavallo, lança-o na agua, dirige-o, chega á praia, e derruba de um e outro lado os gregos que o rodearam, transformando-lhes em gemidos os gritos e os apupos, ao passo que por entre elles ia abrindo caminho largo. Este exemplo inflammou os animos: os clarins soam, os cavallos precipitam-se na onda, e em breve o exercito, com perda de alguns cavalleiros, consegue transportar-se ao campo da batalha.

A proesa ainda aqui não ficou. Os gregos, vencidos, passam o rio para escaparem ao furor dos christãos, e caem como abutres sobre os velhos mulheres e creanças, que, não tendo podido seguir o exercito, ficaram esperando novas da sua boa sorte. Tancredo, ao vê-las, mette-se de novo ao rio; chega, combate, e destroe n'um momento esses indignos carnifices!

Segunda vez, no cerco de Nicea, Tancredo se cobriu de gloria aos olhos dos dois exercitos. Em quanto os cruzados assaltavam a cidade, cincoenta mil cavalleiros sarracenos se precipitaram no acampamento do conde de Tolosa, onde estavam desaparecidos tanto os soldados como os chefes. Os christãos, aterrados, principiam a recuar; mas Tancredo, que combatia na extremidade opposta da planicie, vòo ao centro dos esquadões inimigos, e accommettendo-os houve-se de tal arte, que em breve d'elles formou macia estrada para o pisar do seu famoso corsel: mas um sobreveiu—alto e bem apessoado era elle—que a lança em riste apresentando de subito ao peito do cavallo em que Tancredo montava, por terra o lançou de involta com o heroe.

Resoaram gritos de entusiasmo, que em breve n'outros de terror foram pelo heroe transformados. Tancredo levanta-se, investe, e saltando na garupa do corsel grego, tão forte pancada deu na cimeira do inimigo que lhe desfez o craneo.

Ao vê-lo succumbir, os musulmanos desanimam e recuam: tinham perdido o rei.

Quando findo o combate, Tancredo, coberto de sangue e de poeira, entrou no acampamento, foi recebido com as mais vivas demonstrações de entusiasmo, e de todos recebeu uma prova de admiração pelo esforço maudito das suas heroicas acções.

A victoria de Nicea foi assinalada por um facto terrivel. Os christãos, imitando o costume barbaro dos infieis, cortaram as cabeças dos prisioneiros, e atando-as ás caudas dos cavallos assim entraram vencedores aos gritos entusiasticos do povo christão: mais de cem mil cabeças foram tambem, por meio do machinas, lançadas dentro da cidade, onde espalharam o terror; e outras cuidadosamente mettidas em saccos, e enviadas ao imperador de Constantinopola, Aleixo, como testemunho de respeito. Boemundo tinha prometido ao imperador apresentar-lhe seu primo, depois da tomada de Nicea, e com elle se dirigiu para Constantinopola: mas Tancredo não quiz prestar-lhe senão uma homenagem condicional: «se quereis commandar os cruzados, disse-lhe elle, trate de lhes ser util; e contae com a obediencia de Tancredo, em quanto derdes provas do vosso zelo pelo exercito de Christo.»

Perguntando-lhe depois o imperador qual seria o objecto dos seus desejos, para que immediatamente fossem satisfeitos, respondeu-lhe Tancredo

que só acharia digno d'elle a tenda imperial: mas este gracejo não agradou ao imperador, que para logo se declarou seu inimigo, tanto n'elle reconheceu a superioridade de caracter, e d'esforço militar. Tancredo, ao saber o que tinha a esperar do imperador, foi procural-o, e disse-lhe placidamente—que era inutil tel-o como inimigo, por que elle o não julgava digno de ser nem seu amigo nem seu inimigo. E saiu de Constantinopola.

No cerco de Antiochia, Tancredo, e Balduino irmão de Godofredo de Bouillon, foram mandados á descoberta para protegerem as colonias christãs, e obterem d'ellas o socorro de viveres. Tancredo, que partira primeiro, chegou a Tarsa, cidade celebre pelo nascimento de S. Paulo, e apenas defendida por um pequeno exercito de turcos que não podiam resistir á cohorte de Tancredo. O heroe, para poupar os seus cavalleiros, conseguiu tratar com o inimigo, que se no espaço de vinte e quatro horas não recebessem socorro, consentissem em que fosse arvorado na cidade a bandeira christã, garantindo-lhe a vida, e as propriedades dos habitantes.

Quando Balduino chegou, a vista do estandarte christão, hasteado nas torres da cidade, despertou-lhe tal inveja que o obrigou a alterar com Tancredo; mas o heroe, recusando um combate fratricida, cedeu-lhe a sua conquista e continuou a marcha. Passando pela cidade de Malmistra, tomou-a d'assalto. Balduino correu ainda a disputar-lh'a. Tancredo d'esta vez teve menos paciencia, tinha-lhe custado o sangue dos seus bravos, e não estava disposto a mostrar-se ingrato. D'aquí se originou então uma guerra fratricida, que não poucas lagrimas custou tanto ao vencedor na sua gloria, como ao vencido no seu despeito. Depois de conquistar mais algumas cidades, Tancredo voltou a juntar-se ao exercito, sob as muralhas d'Antiochia.

Estando um dia d'emboscada nas montanhas occidentaes surpreendeu uma cavalgada de turcos, que se dispunha a ir buscar forragens. Caé sobre elles, e tal estrago fez, que no dia seguinte pôde mandar ao legado do papa setenta cabeças, pelo seu proprio braço decepadas no ardo da peleja.

O legado contou por cada uma um marco de prata e mandou entregar-lhe como prova de reconhecimento a somma, que o heroe aproveitou para premiar os seus mais distinctos soldados.

«Pouco lamento a falta de dinheiro, dizia elle; caso é que não falte aos meus valentes! Guardem para si os bens do mundo, que eu ficarei satisfeito com os trabalhos e a responsabilidade!» Amava-os como um pae ama seus filhos. Pela sua propria mão lhes curava as feridas, lançando-lhes na alma tambem o balsemo da consolação.

Uma noite, percorrendo o acampamento acompanhado apenas por um escudeiro, viu-se de repente cercado de mais de duzentos pedestres sarracenos que o atacaram.

Tancredo resistiu-lhes e exterminou-os; e voltando-se depois para o pagem, disse em tom decisivo. «Pagem, se alguém souber d'este acontecimento, hem podes perder as esperanças de seres armado cavalleiro!»

Exemplo inteiramente novo entre os guerreiros, observa o chronista, que os historiadores collocam, com muita razão, entre os mais sublimes feitos da cavallaria christã!

Na tomada d'Antiochia teve o heroe o desgosto de lhe ter sido roubada a gloria de subir primeiro que ninguém ás suas fortificações.

Poucos dias se tinham passado depois da conquista, quando um exercito immenso surgiu no horizonte para arrancar a cidade das mãos dos soldados de Christo. Todo o Korasan, diz Matheus d'Edessa, a Babilonia, a Média, parte da Asia menor, o Oriente desde Damasco até Jerusalem, e a Arabia, estavam em movimento, debaixo do commando de Kerboga, principe de Mossul, inimigo fidalgo dos christãos, verdadeiro modelo do feroz circassiano da *Jerusalem libertada*, que tinha jurado pelo propheta exterminar os christãos.

Antiochia, disimada pela fome e pela doença, viu-se em breve cercada pelas cohortes inimigas, sedentas de vingança. Tanto os historiadores christãos como os musulmanos dizem que os barões christãos apenas commandavam uma especie de phan-

tasmas; mas estes phantasmas, guiados pelo grande Tancredo, a quem a victoria foi attribuida, não tardaram a pôr em fuga os ultimos musulmanos.

No cerco de Jerusalem, que teve lugar quasi um anno depois d'esta victoria, o heroe distinguio-se ainda com provas de não maior valia.

Na noite que precedeu a chegada do exercito christão a Jerusalem, avançou com as suas vanguardas uma cohorte temivel de sarracenos, que por pouco não levaram adiante de si Balduino e os seus cavalleiros. Desanimados pelo numero dos inimigos, os christãos estavam ponto de recuar, quando Tancredo, que voltava de haster o pavilhão da cruz em Bethlem, lhes deu tão forte auxilio que em poucos minutos foram os vencedores vencidos e postos em debandada. Tendo perseguido os fugitivos até aos seus intrincheamentos, o heroe, desviando-se dos seus, subiu ao monte das Oliveiras, apenas separado da cidade pelo valle de Josaphat: e em quanto do alto da collina o cavalleiro contemplava com respeito religioso aquella santa cidade prometida, quinze sarracenos caíram de repente sobre elle que mal lhe deram tempo de metter mão á espada; mas a essa espada victoriosa em breve succumbiram dez; e em frente d'ella se foram os outros cinco salvando por barancos e devesas até que os perdeu de vista.

N'isto já se ouviam os gritos do exercito, que diziam aquellas santas palavras de Isaías *Jerusalem levanta os teus olhos e vê o libertador que vem quebrar teus ferros!*

Em 14 de Julho de 1099, antes do nascer do sol, resoaram na profundidade dos valles os clarins e tambores do exercito christão, pondo os infieis em movimento. Os christãos correram ás armas: as machinas foram assestadas, e o ataque começou terrivel e sanguinolento!

Em vão tentariamos dar idéa d'essa batalha gloriosa.

No fim de doze horas de uma lueta desapiada, a noite veio separar os combatentes. No dia seguinte o ardo redobrou nos christãos, e os infieis principiam a desfallecer. Entre as nuvens de setas, e ao estrondo dos pelouros e dos projectis lançados pelas machinas, que se chocavam e despedaçavam no ar, a victoria parecia ainda indecisa. Houve porém um incidente que em breve pareceu decidil-a. Os cruzados julgaram ver no cume do monte das Oliveiras um cavalleiro armado d'armas brancas que agitava o escudo e lhes apontava com a lança para a cidade. Tancredo acreditou que fosse S. Jorge de ali lhes prometia já a victoria. A nova derramou-se pelo exercito, e o intrepido guerreiro, á frente de numerosos cavalleiros exaltados pelo amor divino, vê emfim caírem a seus golpes as portas da cidade santa, ao grito formidavel — «Assim o quer Deus! Assim o quer Deus!»

Poucos dias depois da tomada da cidade, o sultão do Cairo mandou contra os christãos um exercito temivel. Foi ainda Tancredo que, á frente dos seus valentes cavalleiros, lhes deu batalha nos planos d'Ascalão, combatendo contra os Azopartos, homens quasi selvagens, negros, que partiam os escudos dos christãos, e despedaçavam a cabeça dos cavalleiros com bolas de ferro.

Depois d'estes acontecimentos, a maior parte dos cruzados voltou para o occidente: só o valente e piedoso Tancredo não quiz abandonar o posto da honra e do perigo. Companheiro fiel e dedicado de Godofredo de Bouillon, foi por elle encarregado de apoderar-se de Tiberiada e de muitas outras cidades importantes da visinhança, recebendo como premio dos seus esforços os domínios que acabava de conquistar á ponta da espada, e que depois foram eleitos em principado.

Em quanto durou o captivo de Boemundo, os deputados d'Antiochia vieram pedir-lhe que fosse tomar as redeas d'aquelle governo. O principe de Tiberiada cedeu á supplica, convocou a milícia da provincia, fez fortificar Salmistra, Malmistra, Barga e Adana: depois conquistou a Loadicã, e quando seu primo voltou, entregou-lhe aquelle principado engrandecido e florescente pelo esforço das suas armas e sabio emprego dos recursos.

Acabada que foi esta tarefa, apresentou-se-lhe logo outra não menos trabalhosa.

Eleito para governar o condado d'Edessa, pela falta do conde, feito prisioneiro n'uma batalha, o

heroe normando sustentou por muito tempo um cerco apertado dos sarracenos: mas contrariado, pela pertinacia dos infieis, aproveitou uma noite escura para sair com um punhado de bravos ao acampamento, e mandando tocar de subito os clarins caiu sem misericórdia sobre o inimigo descuidado, que abandonou o posto, levantando o cerco com perda de muitos guerreiros distinctos e de toda a bagagem e munições de guerra.

A tomada do castello de Vitulum no monte Djiblah foi o seu ultimo feito d'armas. Na volta para Antiochia adoeceu e morreu poucos dias depois (1112) deixando — diz Guilherme de Tyro — o seu nome immortal nos fastos das cruzadas, e nos da egreja a lembrança perpetua das altas virtudes que lhe embelezavam o espirito.

Continua.

A villa d'Alemquer. (c)

São muitas e variadas as opiniões sobre a antiguidade d'esta villa, e sobre a etymologia do seu nome. Uns autores a fazem de origem romana, dizendo que então se chamara *Jerabrica*, o mesmo nome, com differença de uma letra, que tiverá a villa de Povos. Querem outros que fosse fundação dos alanos em o anno de Christo de 448, e que estes a denominaram *Alan-Kerke*, na sua lingua—*Templo dos Alanos*. Tambem ha quem a attribua aos suevos com o nome de *Alenkerhana*. Se se attender á lenda popular, provém-lhe o nome e as armas do seguinte successo.

Achando-se el-rei D. Affonso Henriques no cerco d'esta villa, então occupada por moiros, na madrugada do dia de S. João saindo estes a banharem-se ao rio, conforme o seu costumé, um cão que vigiava a villa, e que saíra com elles, veio ter com os portuguezes, e indo-se direito a el-rei sem ladrar, lhe fez tanta festa, que este monarcha exclamara, referindo-se ao cão: *O Alão quer*. E tomando isto por um aviso do ceo accommetteu de improviso a praça, e a tomou.

Na verdade as armas da villa parecem confirmar a lenda, pois são: em campo de prata um cão pardo preso a uma arvore com um grilhão de ouro.

Entretanto os autores que lhe assignalam origem romana, teem bons fundamentos, pois que em diversas epocas, e principalmente no seculo passado, se encontraram em excavações para alicerces de casas ou muros muitas lapidas e cippos com inscripções romanas.

A lenda pode ser verdadeira, mas tambem é possível, que, tendo os alanos por emblema nacional, que usavam nos escudos e bandeiras, a figura de um gato, de certo mal representado, pois que as artes se achavam entre elles no mais deploravel atraso, é possível, repetimos, que essa toca figura viesse com o discurso do tempo, e depois da extincção d'aquelle povo, a equivocar-se, e tomar-se por um cão. O nome de Alão pode igualmente ser o resultado de uma confusa tradição popular. Encontramos tambem escriptores de boa nota, que pretendem que o nome de Alemquer seja de origem arabe.

Partindo de epocas menos remotas, e de noticias mais certas, sabe-se que Alemquer foi tomada aos moiros por el-rei D. Affonso Henriques pelos annos de 1148, e no fim de dois mezes de cerco. No de 1184 vieram os moiros cercal-a com grande exercito, mas foram derrotados.

Arruinada e despovoada por effeito das guerras, foi mandada reedificar e povoar por D. Sancho I, que a deu em dote á sua filha, a infanta D. Sancho.

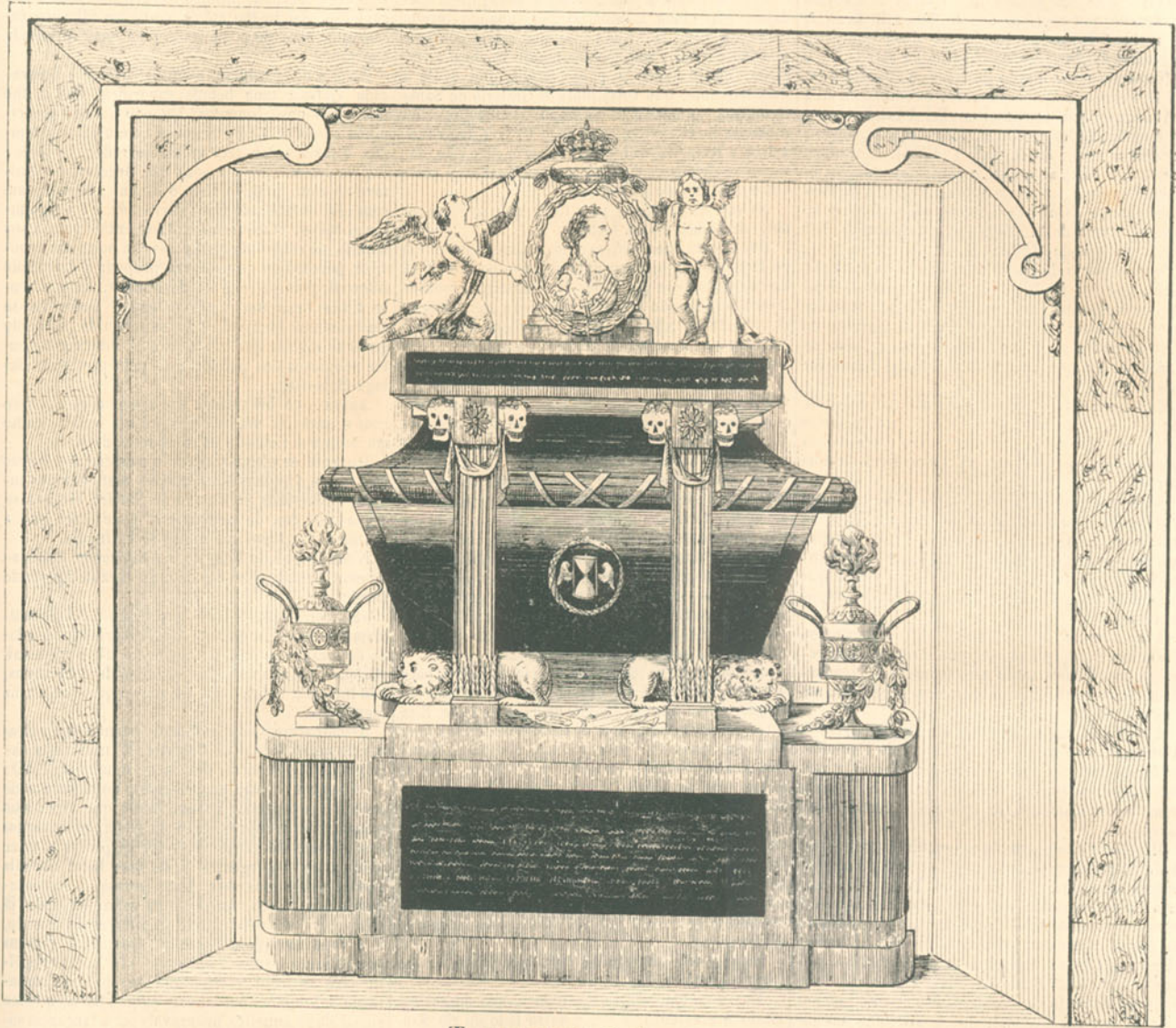
Nas discordias entre esta princeza e seu irmão el-rei D. Affonso II, que lhe pretendia tirar a posse da villa, soffreu muito esta povoação pelo espaço de dois annos, que durou esta contenda. Por esta occasião teve um cerco de quatro mezes, resistindo até ao fim d'elle contra as forças d'aquelle soberano.

Vagando para a corôa por morte d'esta infanta santa, foi doada por D. Affonso III a sua mulher a rainha D. Brites, e ficou depois no senhorio das rainhas.

Refere um autor, que foi grande investigador das nossas antigalhas, que nos primeiros reinados da



Basilica do Coração de Jesus



Túmulo da Rainha D. Maria I.



Entrada principal do passeio da estrela, e hospital militar do mesmo nome.

monarchia se deu a Alemquer o nome de *Chapins da Rainha*, por causa da doação feita a D. Beatriz, ou a outra das suas successoras, dizer que eram as rendas doadas para os chapins da rainha.

Nas desordens, que se succederam a morte d'el-rei D. Fernando, padeceu cercos e combates a villa d'Alemquer, por se conservar fiel á rainha viuva D. Leonor Telles contra o mestre d'Aviz, depois rei com o nome de D. João I (1385). E também passou por muitos sustos e alvortos durante as discordias, que romperam sobre a regencia de Portugal entre a rainha D. Leonor, viuva d'el-rei D. Duarte, e mãe de D. Affonso V, e o infante D. Pedro, seu cunhado (1439).

Na usurpação de Castella foi dada esta villa por D. Filipe II a D. Diogo da Silva, conde de Salinas em Hespanha, ao qual fez marquez d'Alemquer, e vice-rei de Portugal. Pela restauração de 1640 tornou para o seu antigo senhorio, onde se conservou até que em 1833 foi extinta a *casa das rainhas*.

Está assentada a villa d'Alemquer no dorso de um monte, pelo qual vae descendo até ao fundo de um estreito valle, por onde corre o rio do seu mesmo nome, que a divide por assim dizer em dois bairros.

Servem de corda a esta antiga villa os restos venerandos de seu antiquissimo castello. Não ha noticia certa da primeira fundação d'este castello, mas sabe-se que já existia quando teve logar a invasão dos mouros no começo do seculo vin, e que estes pelo tempo adiante o renovaram e accrescentaram.

A resistencia, que o mestre d'Aviz encontrou n'esta fortaleza, quando lhe poz o cerco acima referido, levou mais tarde este principe a mandar-lhe tirar os cunhaes, com o que em breve caiu em ruinas.

A cerca de muros, que outr'ora cingia e fechava Alemquer, com as portas de *Villa*, e de *Carvalho*, ou *Santo Antonio*, que eram as principaes, e tres outras mais pequenas, era obra dos arabes, assim como varias cisternas, de que ainda restam vestigios.

Divide-se esta povoação nas seguintes parochias. A de Santo Estevão, situada no declive do monte; parece fóra dos cavalleiros do Templo, e encerra n'um corredor, que vae da sacristia para o côro, uns mauseos mettidos na parede, e debaixo de arcos, com umas espadas esculpidas na pedra, como usavam os templarios. A de S. Pedro é menos antiga. A de Santa Maria da Varzea está fundada proximo do rio. Tendo sido destruida no seculo xv por um incendio, que se attribuiu aos judeus, que moravam junto ao postigo de Santiago, onde então era a judiaria, foram estes expulsos da villa, e obrigados a reedificar o templo. Na capella môr, em uma sepultura embebida na parede, da parte da epistola, está o celebre chronista d'el-rei D. Manuel, Damião de Goes. Nossa Senhora da Assumpção de Triana, fundada pela rainha Santa Isabel no outro lado do rio; pelo que se denominou ao principio Nossa Senhora da Assumpção *Trans Annem*, isto é além do rio, de que vem por corrupção o nome de *Triana*. O convento de S. Francisco, que ora se vê em ruinas, situado na parte mais alta da villa, foi o primeiro, que a ordem serafica teve em Portugal. Está fundado no palacio, em que habitou a santa infanta D. Sancha, por ella propria doado para esse fim. Concluiu-se este convento no anno de 1222, em vida de S. Francisco de Assis. Teve varias reedificações. Em quanto o convento se construia, assistiram os primeiros fundadores, enviados por aquelle santo, no pequeno hospicio, chamado o Oratorio de Santa Catharina, junto do rio.

A egreja e hospital da misericordia foram mandados edificar em 1527 por D. João III. Teve também um convento de freiras de Santa Clara.

Conta Alemquer varias ermidas, mas d'entre estas a mais celebre é a do Espirito Santo, por haver sido fundada com um hospital contiguo pela rainha Santa Isabel, e por que n'ella instituiu a mesma santa aquella singular festividade ao Espirito Santo, em que se fazia a cerimonia da coroação de um imperador; festa, que bem depressa se generalizou por todo o reino, e que tão popular se tornou, fazendo-se ainda hoje em muitas terras com bastante apparato.

Em uma fonte proxima d'esta ermida, diz a tradição, que vinha a santa rainha, quando residia n'aquella villa, lavar os panos, que serviam no hospital ao curativo dos doentes. Refere também a tradição, que o nome de *Fonte Santa*, que se dá a uma nascente, que corre junto do Oratorio de Santa Catharina, se deriva de terem ali residido aquellos filhos de S. Francisco, que indo levar a luz evangelica á Barberia, ali encontraram o martyrio, fazendo-se depois conhecidos no orbe catholico pelos cinco martyres de Marrocos.

Na rua da Triana ha uma fonte, que se julga ser obra da rainha Santa Isabel.

Das pontes, que cortam o rio, a mais notavel é a do Espirito Santo, construida proximo da ermida da mesma invocação por el-rei D. Sebastião, a qual se terminou, segundo diz uma inscrição que n'ella se lê, aos 28 de Abril de 1571. Também na mesma ponte se vê esculpido na pedra o escudo das armas reaes com o cão por baixo.

Encerra esta villa duas fabricas muito importantes, uma de papel, e a outra de cobertores, e diversos outros productos, tanto de algodão, como de lã. Esta, fundada pelo senhor Lafourie, occupa um bom edificio modernamente construido. Aquella, construida por uma sociedade de capitalistas de Lisboa, tem um edificio vasto, e de bella apparencia, com grandes e formosas presas d'agua. Depois de haver tido tempos de prosperidade, e de decadencia, e de estar afinal muitos annos arruinada e inutil, foi vendida ha poucos annos a uma companhia de accionistas, que a reconstruiu, melhorou, e poz em movimento. Ambas estas fabricas estão situadas junto ao rio, que lhe serve de motor, e ambas dão emprego a um grande numero de braços.

Alemquer dista sete leguas e meia de Lisboa para o norte, uma do Tejo, e pouco menos de uma da respectiva estação do caminho de ferro de Jeste. Fica junto á nova estrada, que do Carregado conduz para Coimbra, passando pelas Caldas, Alcobaca, Batalha, Leiria, Pombal, Redinha, e Condeixa, com as quaes está em diaria comunicação por meio da mala-posta.

Segundo um documento muito antigo, achado no cartorio da camara, se nos não enganamos, teve esta villa em tempos remotos uma grande população, em que se contavam perto de cinco mil pessoas do sexo masculino. Ao presente tem uns dois mil e quinhentos habitantes. Teve voto em côrtes, com assento no banco sexto.

No segundo domingo de cada mez faz-se ali um importante mercado.

Esta villa tem bonitos arrabaldes, com muitos pomares e arvoredos de um e outro lado do rio. Sentada no declive de um monte desafrontado e com largo horizonte para a parte do sul; dominando o fresco valle, aonde vem ainda estender-se como para se mirar na fugitiva corrente do seu rio, e na placida superficie dos seus lagos, a que a ramagem dos chorões faz sombra, e festa; Alemquer gosa de lindas vistas, e offerece aos que a procuram uma perspectiva encantadora.

Sacrificios humanos.

Entre os Jharegas, povos da Indo-china, está universalmente adoptado o costume do infanticidio das raparigas. Não se sabe a origem d'este barbaro uso. Seja qual fór tem sido animado pelos brahmines Raghair, que sempre foram encarregados do sacerdocio entre aquelles povos. Declaram elles tomar sobre si a responsabilidade e o castigo que os livros santos pronunciam contra este crime. E' provavel que esta culpavel falta provenha da de meios dos Jharegas para estabelecerem as filhas. Junte-se esta consideração a outra de que nenhum homem d'este povo quer que a filha tenha relações com homens.

Uma tribu de brahmines, chamados Hairadés, acompanhava a celebração da festa do *dusserah* com o terrivel sacrificio d'um brahmine ainda manco á deusa infernal *Sactis*, que suppunham sequiosa de sangue humano. Frequentemente era a um amigo ou parente que o sacrificador immolava; e n'outras occasiões era a algum estrangeiro que se conservara na ignorancia da sorte que o esperava, e a quem o mesmo brahmine que devia con-

summar o sacrificio prodigalisara os mais affectuosos cuidados, dando-lhe até ás vezes sua filha em casamento, afim de o adormecer na mais profunda segurança.

No dia do sacrificio, administrava-se á desgraçada victima uma bebida suporifica, que se lhe misturava nos alimentos. Quando a dose principiava a operar, o seu hospede conduzia-o ao templo, e fazia-o dar tres voltas ao redor do idolo; depois derrubando-o a seus pés, degolava-o. Juntava-se com cuidado todo o sangue; besuntavam com elle os labios da feroz divindade, e aspergiam-lhe o corpo. O assassino voltava então para a sua familia, no centro da qual passava a noite em regosijos, persuadido que volvera propicia a divindade infernal, pelo periodo de doze annos. Annualmente tinha logar um sacrificio egual. Descobriu-se este costume horrivel, e foi supprido, não pelo governo inglez, que se absteria de intervir nos actos religiosos dos indous, mas pelo pishera, Bualagu-Baja-Rad.

Agora, os brahmines Kurnadec contentam-se com o immolar um carneiro, ou um bufalo, como em Amber e Calcutta os sacerdotes de Kali.

Durante os ultimos annos, o numero das viuvias que foram victimas dos horribes costumes dos indios, conhecidos pelo nome de *Sutties*, elevava-se a duas por dia, de modo que se pode dizer que a chamma das fogueiras nunca se extinguiu.

N'um jornal de Bengala, o *Kovrnoody*, publicado em Calcutta, lê-se em data do mez de Agosto de 1828:

«Sabemos com espanto que tendo morrido ultimamente Muddon Mohum Chuckersebutty, de idade de quinze annos, morador em 24 Burgunnak (Calcutta), a sua viuva, de idade só de doze annos, não lhe quiz sobreviver, deixou-se queimar n'uma fogueira.»

Terminaremos este assumpto citando um extracto de outro jornal de Calcutta. E' uma carta escripta de Juggemacet, datada de Janeiro de 1790:

«Cheguei ao sitio propriamente no momento de accender a chamma; porque desde que viram que o meu batel se aproximava da praia, os covardes instigadores do sacrificio se deram pressa a fazer subir a viuva á fogueira. Vi do meu batel que ella apenas podia caminhar. Duas pessoas a sustentavam pelos braços. Antes de eu saltar na praia já ella estava estendida junto ao cadaver do marido, e o fogo lançado á fogueira. Quando a victima principiou a sentir a chamma, vi-a tentar repellir com as mãos as madeiras que haviam amontoado sobre ella; porém este esforço pareceu como signal dado áquelles miseravos para lançarem sobre ella mais lenha, gritando: «*Hurrey bol!*» Eram tão estrepitosos estes gritos que cobriam a voz da desgraçada. A indignação de que me possui, não me permittiu permanecer ali mais tempo; porém havia-me arredado coisa de dez passos, quando ouvi dizer que a viuva conseguira escapar-se da fogueira. Voltei, e vi um espectáculo que me gelou de horror. A desgraçada caira da fogueira, mas aquelle esforço e o calor quasi que a tinham privado da vida. Jazia no chão, e procurava aspirar um pouco de ar. O rosto e o corpo apresentavam horrendo aspecto. Não lhe deferiram a morte por muito tempo; agarraram-na outra vez, lançaram-na para cima da fogueira, e cobriram-na com mais lenha.»

Magoa e saudades...

Saudade, gosto amargo d'infelizes
Delicioso pungir d'acerbo espinho...

SONHOS — SARRT.

1

Magoas, que serão? pezares
Lhe chamam as turbas nescias.
Talvez sejam — quem duvida?
— Porque a turba embrutecida
Muitas vezes tem razão:
Que é versado todo o homem
Sabio ou stulto, nobre ou baixo
Em dôres do coração.

Quem, certo, melhor dirá,
Magoas o que são? — Ninguém:
Que o fundo d'alma é segredo
Que passa do genio além...
Quem já d'alma a autopsia fez,
Para seguro afirmar —
— Tal sentir e tal desgosto,
Que á flor apresenta o rosto
São... mas o que? — Ninguém
Ao certo seguro o afirma,
Que o fundo d'alma é mysterio
Que passa do genio além...

E' a vida um pego irado,
Sarcophago de paixões,
E' um momento sonhado
Que s'esvae co'as illusões!
E' um vacuo; é um deserto
Por onde se voga incerto
Sem vendados ter os olhos
E onde em vez de bellas flores
Só se colhem mil abrolhos...
E' estrada d'espinhos cheia
Que molesta quem a passa...
A margem lhe crescem flores...
— E quem as colhe? — A desgraça
Com ellas unida está.
E' arvore bem copada
De folhagens bem ornada
Mas que fructos nunca dá!
Quando o outono toca o termo...
D'ella as folhas vão caindo
Uma a uma sobre o ermo...
— E cada folha, é um dia,
Que o passado vae sumindo!

Nasce o homem, e no berço
Vê logo o infortunio ao lado;
Cresce, medra, e passo a passo
Na sorte o infortunio immerso
O segue desapiedado.
— Flores da vida, illusões
Pouco a pouco as vae perdendo.
— Caem todas no presente
Como os dias no passado.

Em tempo as alimentei
Mas foram-se-me uma a uma.
E todas. — Como... não sei...
Tenho saudades... e muitas.
— D'ellas é quanto me resta
Que saudades não me cresta
O gelo da desesprança.
— Choro-lhes sobr'as ruinas
Soltas na arena da vida,
Uma lagrima trahida
Que não posso reprimir...
Dou-lhes um cantico ás vezes
D'involta co'as acres fezes
Saidas do fundo d'alma
Em momentos de pungir!

II

De poeta os bellos sonhos,
Ai de mim! que já lá vão!
Esses dias tão risonhos,
Tão bellos, não volvem, não!
Só me restam mil saudades
Da infancia, quando a contemplo...

Quando lá nas soledades
Tangia o sino do templo,
Quando ao toque das trindades
Sobre os cumes d'alta serra
D'entre o bosque na ramagem,
Sobre as urzes do penedo
Escutava no segredo,
Os segredos da voragem;
Ou quando na cruz do val
De goivos uma capella
Com o botão do rosa
Aos pés da Virgem depunha;
Ou quando em fervido ensejo
Aos occasos, ao sol posto,
Junto ao meu eu tinha um rosto,

N'uns labios pousava um beijo;
Quando ao vacillar da tarde
No silencio, na tristeza,
Deslumbante de belleza,
Radiante de formosura,
Via cheia de candura
Fictar o pallido ceo
Desnublado, e já sem veio,
Recostada, pensativa,
Ao umbral d'uma cabana,
A donzella outr'ora altiva
Ao passar das primaveras
Ou das ceifas pelo estio;
Mas agora tristemente
Mergulhar os seus olhos
Na profundeza dos mares,
No sereno, plumbeo rio
Magoada vergar a fronte,
Qual a bonina do monte
Das ramas, entre o cicio!

E depois, em horas mortas,
D'alta noite no remanso,
No silencio, no descanso
Da lua ao tibio clarão,
Ouvir murmurar a vaga
Quando a brisa nos afaga,
E nos falla ao coração!
.....
Quando plumbeo torna o rio
Negra nuvem do outono,
Prantos é o murmurio
Da fontinha que desliza;
E tristezas diz a brisa,
A brisa que ao bosque zumbe;
Quando ao gelo e quando ao vento
O lyrio triste succumbe...
Quando negra, bassa cor
Colore o prado e a ribeira,
Pallida emmurchece a flor,
Brilham fogos na lareira!

Quando ao cume do oiteiro
Ou ao profundo do val
Eis volvia a recolher-se
Taciturno, mas ligeiro
Em suspiros, o zagal.
Quando no manto da noite
S'involviam terra e ceos
E que a aragem 'spreguiçando-se
Murmurava o nome — Deus!

Quando em mudez de mysterio
A natureza jazia,
Escutar do cemiterio
O sino; dobres bem tristes
Que o ecco me repetia.
Preces singelas — lamento
Debil, frouxo, melancolico
Que aos ceos puro subia!
.....
— E mais tarde por deshoras,
O luar na cruz d'aldéa...
O gemer de clara veia...
Da noite, a velhas horas...
As mil sombras dos rochedos
Dos abyssos os segredos
Que s'esvaem co'as auroras!
.....
Tenho saudade, mas tanta
Tão profunda, tão pungente!
Que o riso da face espanta
Quando o riso mostrar quero!

III

Se gemo n'arpa saudades
Se gemel-as tento, só,
— Passa a turba, ri-se e diz
Como é louco! — tenham dó!
Tenham dó, que a loucura
Vejam a que ponto o leva:
De chorar, gemer não ceva
Os desejos da amargura...
E nescio! E falsa a tristeza
Que lhe dá o vago olhar.
E falsa a melancolia
Que a fronte lhe faz curvar!

E' falsa a cor que severa
No rosto lhe transparece;
Dór profunda, magoa austera
Dá p'ra lagrimas verter,
Mas jámais empallidece!

É arte. Estudado o modo
Com que ao mundo se apresenta.
Tudo é arte — estudo todo...
Que p'ra illudir-nos inventa.
— Observem — eil-o que passa:
E' o busto da desgraça
Esculpido pela vaidade;
E' mentido quanto expressa
Não tem visos de verdade!
— E a turba passou, e riu-se.
Mas os annos lentamente
Tambem sobr'as turbas passam,
Nascem-lhe na frente as cãs
Que breve morte lh'ameaçam.
— E o homem cresceu — Depressa
Em vez do sorriso ingenuo
Que lh'ameigava a feição
Outro lhe vem, e começa
A despir-lhe d'alma as crenças
E da mente as illusões...
As dôres findando immensas
Que nutriu em quanto cria!
— Scismam; porque cada dia
Que lhe passa sobre a fronte,
Uma ruga lhe traçou.
— E a turba passa — não ri —
— Em frente d'elle estacou!

Vaidosa! — quer ler-lhe n'alma
As dôres que lá lhe vão...
E não sabe que a tal jus
Não tem direito — que é vão! ?
Mais cerrada que um sepulchro
Mais calada que um rochedo
Tenta embalde ver — Desistam...
O que vêem, não s'explica:
E' mysterio, é segredo!

Arabescos que o infortunio
No rosto em rugas gravou,
Qual tecido cabalístico
E' mysterio complicado,
Que só elle decifrou!

Que lhe querem? — porque esperam?
— Que lhe pedem? — Talvez contas...
Mesquinhos! saldo d'affrontas
Não lhes paga a cada instante?
Censuram-no por não rir...
Eil-o — já riu — aturdidos
Fogem? — que é que lhes deu?
— Ah! nos labios mal unidos
Qual praga de condemnado
Um sorriso mastigado
Lhe escapou — era sarcasmo!
— Os olhos baixa confusa,
Porque a turba infunde pasmo
Em logar d'humiliação
Ou de qualquer nobre instincto
Quanto de sobra lhe dão!

Outubro, 1836.

H. V. D.

A real basilica do santissimo Coração de Jesus.

Deve-se a um voto a existencia d'este grandioso monumento. Pouco depois de celebrar o seu consorcio em 1760 promettera a rainha D. Maria I, então princeza do Brazil, edificar um templo consagrado ao Santissimo Coração de Jesus, e um convento para as filhas de Santa Thereza, se Deus lhe concedesse um filho varão. Satisfeitos os desejos d'esta piedosa senhora, apenas subiu ao throno em 1777 tratou logo de cumprir a sua promessa.

As difficuldades sobre a escolha do sitio, e approvação da planta, que sempre se dão n'este paiz, quando se cuida em levantar algum edificio do estado, levaram dois annos a vencer; de sorte que a inauguração solemne dos trabalhos só teve logar

no dia 24 de Outubro de 1779, lançando el-rei D. Pedro III a primeira pedra nos alicerces do templo.

Apesar do grande numero de operarios que ali se empregaram, e do zelo e diligencia do architecto e mestres da obra, que se esforçavam para agradar á soberana, que, visitando a miudo os trabalhos, mostrava sempre a sua impaciencia pelos ver concluidos; apesar de tudo isso consumiram-se onze annos na construcção do templo e convento. A cerimonia da sagração da igreja foi feita com grande pompa no dia 15 de Novembro de 1790, entrando n'esse mesmo dia as religiosas de Santa Theresza na posse do convento contiguo.

O major Matheus Vicente, architecto da casa do infante, foi quem fez a planta, e todos os riscos, dirigindo as obras até 1786, anno em que falleceu. Substituiu-o o architecto Reinaldo Manuel, que presidiu aos trabalhos durante os ultimos quatro annos.

Causa pena, na verdade, que não recaisse a escolha do architecto, para um monumento de tanto despendio, em pessoa mais competente. Matheus Vicente não era falto de imaginação, e tinha alguns dotes de artista. Algumas partes d'aquelle monumento fallam por certo em seu favor. Todavia outras ali se vêem, e muito avultam, que provam evidentemente, que não reunia todas as qualidades necessarias para bem desempenhar a importante e difficil missão, que lhe fôra encarregada.

A elegante e magestosa cupula, que serve de cordão a todo o edificio; as esbeltas torres com seus graciosos corucheos, que fazem o mais bello adorno da frontaria, attestam, sem duvida, que no architecto havia alguma scintilla do genio, que distingue o verdadeiro artista. Entretanto as tres principaes portas do frontispicio do templo, singelas como se dessem para um corredor escuro, apertadas e abafadas pelas quatro gigantescas columnas, que parecem ali collocadas de proposito para as tornar ainda mais humildes e mesquinhas; a estreiteza do interior do templo, que diminue consideravelmente o effeito maravilhoso, que deviam produzir aos olhos do observador a riqueza dos materiaes, a belleza e primor das esculturas, e a magnificencia da cupula; e enfim as dimensões acanhadas das duas sacristias; mostram evidentemente, que os talentos do artista eram assaz limitados, e por conseguinte deficientes para o despenho de tão grandiosa tarefa.

Este templo, ao qual o summo pontifice concedeu as honras de basilica, está situado n'um dos pontos mais altos da cidade para o lado do occidente. A sua nobre frontaria olha para o norte, e deita para um espaço terreiro, que separa aquelle edificio do formoso e pittoresco *passeio da Estrella*, modernamente plantado. Do lado do nascente corre um largo por todo o comprimento da igreja, e ha pouco transformado em uma alameda com diversas ruas de arvores.

A estampa junta dá uma idéa tão exacta do

exterior do monumento, que nos dispensa de uma descripção minuciosa. Toda a frente é construida d'essa nossa bella pedra lioz, vulgarmente chamada cantaria, que já pertence á classe dos marmores.

As quatro estatuas colossaes, que se erguem sobre as quatro columnas, representam: a *Fé*, a *Adoração*, a *Gratidão*, e a *Liberalidade*. As outras quatro, que se vêem mettidas em nichos são: as dos superiores, *Santa Elias*, e *S. João da Cruz*; e as dos inferiores, *Santa Theresza*, e *Santa Magdalena de Pazzi*. O baixo relevo entre as duas janelas do corpo central significa o *Coração de Jesus*.

As duas portas collocadas no envasamento das torres dão serventia para o convento, e as tres centraes para o vestibulo da igreja, no qual avultam dentro de nichos as estatuas colossaes em marmore de Carrara de *Nossa Senhora* e de *S. José*.

O interior do templo é verdadeiramente sumptuoso. As paredes, altares, abobada, e pavimento, tudo é construido de finissimos marmores de variadas côres; n'este ultimo em mosaico, imitando uma rica alcatifa; em tudo o mais ou são polidos como espelhos, ou lavrados primorosamente com muita variedade de desenhos.

Os dois grandes paineis da capella mór e da do Santissimo Sacramento são obra de bastante apreço e valor. O primeiro representa a Europa, a Africa, a Asia, e a America prostradas em adoração ante o Santissimo Coração de Jesus. O segundo é a representação da Cêa do Senhor, e instituição da Eucharistia. Foram feitos em Roma por um dos mais insignes mestres d'aquelle tempo, chamado Batoni, que os acompanhou até Lisboa para os collocar no seu logar.

O painel do *Coração de Maria*, que está no altar do corpo da igreja contiguo ao cruzeiro, do lado da epistola, foi pintado pela augusta fundadora e por sua irmã a princeza D. Maria Benedicta. Não é notavel como objecto d'arte; mas tem muito merecimento historico pelas illustres artistas, que o executaram, que n'elle deixaram um documento tanto da sua piedade religiosa, como do seu culto pelas bellas artes.

O guardavento, pela delicada obra de escultura em madeira, que ostenta, é digno de attenção.

Na capella mór, do lado do evangelho, está o rico mausoleo da rainha D. Maria I, de marmore preto e branco, com ornatos e inscripção de bronze doirado. Na parte superior avulta em uma grande medalha o busto d'aquella soberana, esculpido em jaspe. Foi mandado fazer logo depois da sua morte em 1816 por seu filho, el-rei D. João VI, que, regressando do Rio de Janeiro para Lisboa em Julho de 1821, trouxe consigo os restos mortaes de sua augusta mãe, os quaes ali foram depositados n'esse mesmo anno com grande pompa e solemnidade. E foi este funeral o mais apparatuso que se tem feito em Lisboa n'este seculo. As bellas esculturas d'este tumulo saíram do cinzel do

eximio escultor Faustino José Rodrigues, discipulo de Joaquim Machado de Castro.

De cada um dos lados da capella mór fica uma sacristia, ambas pequenas, baixas, e com pouca luz. Na da parte do evangelho está o tumulo do arcebispo de Thessalonica, confessor da rainha D. Maria I, mandado fazer por esta soberana. É todo de marmore preto e branco, perfeitamente polido, e singelo de labores.

Da varanda, que cerca a lanterna da cupula, gosa-se o mais formoso e pittoresco panorama, que offerecem as diversas alturas de Lisboa. É o ponto d'onde se descobre maior extensão de cidade. Desfructa-se d'ahi toda a cerca das freiras, que é ornada de lagos e capellas de bonita architectura.

A 22 de Fevereiro de 1829 caiu um raio n'esta cupula, causando-lhe graves estragos; os quaes se começaram a reparar em 1843, concluindo-se ha poucos annos a restauração.

Na torre do lado do nascente está collocado o relógio, que é unico no seu genero em toda a cidade, pela circumstancia de regular as horas ao mesmo tempo nos seis mostradores, tres em cada torre. As duas torres tem onze sinos: o das horas tem de peso duzentas setenta e cinco arrobas, e todos pesam mil cento e quarenta e cinco arrobas, e vinte e um arrateis.

Os escultores mais distinctos, que trabalharam n'este edificio, foram: Joaquim Machado de Castro, autor da estatua equestre d'el-rei D. José, o qual fez quasi toda a obra de ornatos do templo; João José Elveni, Alexandre Gomes, José Joaquim Leitão, e José Patricio, que executaram as dez estatuas, os serafins nas capellas collateraes, e o baixo relevo do frontispicio.

Diz a tradição, que se despendeu n'este magnifico edificio a somma avultada de dezeseis milhões de cruzados!

Luctos.

Na Siria a côr adoptada para o lucto é azul celeste.

No Egypto, adoptaram para o mesmo fim a côr de folha secca, ou amarellenta.

Os ethyopes usam do cinzeato.

No Japão e na Europa, emprega-se a côr preta.

Cada nação das que acabamos de citar, julga ter bons argumentos para apoiar o seu uso, pois dizem: que o azul celeste indica o logar, ou sitio, que se deseja aos mortos; a folha secca representa o termo da vida, pois que as folhas quando murcham, ou fenecem tomam aquella côr; o cinzeato recorda a terra em que se convertem os cadaveres; e o preto manifesta a privação da luz e da vida.

Em Portugal usava-se nos luctos a côr branca, até ao reinado d'el-rei D. Manuel, por ordenança de quem foi substituida pela preta.



O mundo ás avessas.